

A CHARGE COMO RECURSO PEDAGÓGICO PRODUTIVO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Fátima Miliane Silva Maciel¹

Gabrielle Leite dos Santos²

RESUMO

A atuação de qualquer profissional da educação requer uma série de conhecimentos específicos que possibilitem sua atuação eficaz em diversos contextos, como no ensino de alunos surdos. A utilização de metodologias inclusivas, em virtude da sua presença cada vez mais frequente nas escolas, incentivada por legislação específica, demanda hoje um olhar mais atento. O surdo é compreendido como um ser altamente visual, o que exige do professor um arsenal de ferramentas diversas, úteis para demonstrar tanto para surdos quanto para ouvintes um conteúdo diversificado, sem perda de qualidade para os não-ouvintes. Contudo, enfocamos, neste trabalho, a utilização de charges em salas bilíngues, com a presença de surdos, pois este gênero aborda diversos temas relevantes do cotidiano, com uma compreensão que necessariamente conversa com o visual, demonstrando, com recursos verbais e não-verbais, aquilo que se quer dizer. Considerando sua larga utilização em sala de aula, buscamos aqui salientar o seu papel para o desenvolvimento do letramento visual na educação inclusiva de surdos. Portanto, partimos de uma abordagem metodológica qualitativa interpretativista e tematizamos o surdo como um sujeito visual (STROBEL, 2009); os conceitos de letramento visual e de multimodalidade (ARAÚJO, 2014; LEBEDEFF, 2017); e a charge (CAVALCANTI, 2008; LANDMANN, 2012; ROMUALDO, 2020). Por se tratar de um gênero multimodal, o nosso argumento é de que a charge representa para o aluno surdo uma ferramenta poderosa na compreensão crítica, na leitura de figuras de linguagem, como a ironia e o sarcasmo, já que sua estrutura composicional se dá baseada na imagem.

Palavras-chave: Surdez; Educação Inclusiva; Letramento Crítico; Letramento Visual; Charge.

INTRODUÇÃO

O contexto histórico humano revela que desde a longevidade o sujeito surdo é, de uma maneira ou de outra, vislumbrado como um ser incapaz, o qual não produz conhecimento. Este fator acabou influenciando de forma direta e efetiva a educação

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras Libras - Ufersa - Caraúbas / RN - milianemaciell19@gmail.com.

² Docente do Departamento de Letras e Ciências Humanas - Ufersa - Caraúbas / RN - gabrielle.leite@ufersa.edu.br

tardia e precária que este grupo recebeu e ainda recebe, em alguma medida, tendo em vista a rescência do reconhecimento da competência e da devida dignidade desse grupo, sua proteção por legislação específica e a adequação ainda em curso do sistema educacional básico para receber esse público.

Fazendo o recorte nacional, a legislação brasileira que ampara a população surda é bastante nova, não tendo ultrapassado ainda os 20 anos de vigência. Somente em 2002 a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida como uma língua do Brasil, e somente em 2005 foi aprovado o decreto de lei que regulamenta a obrigatoriedade de disciplinas em Libras e a formação de professores e intérpretes. Em contrapartida, a formação de profissionais na área ainda é uma demanda a ser atendida, sem mencionar a falta de informação da sociedade sobre a educação de surdos e sua cultura de modo geral.

Há um estigma patológico imperativo que se sobrepõe, no senso comum, à pluralidade e riqueza dessa comunidade. Por essa razão, muitos familiares tendem a não os colocar em escola por superproteção ou até mesmo pela ideia de que são deficientes e não aptos para a vivência em sociedade. Então, quando o surdo consegue chegar na comunidade escolar, é, na maioria das vezes, de forma tardia. Além de que, quase sempre seu processo de aquisição da linguagem também é adiado em relação aos ouvintes, o que, por conseguinte, compromete todo seu processo educativo.

Decorrente do tardio aprendizado da linguagem, o surdo acaba impossibilitado de formar conceitos abstratos, os quais são necessários para a compreensão de diversos conteúdos, como matemática e biologia, ou entender contextos sociais e políticos mais amplos, que extrapolam sua vivência. Para uma explicação do conceito de depressão em uma aula de geografia, por exemplo, o surdo possivelmente tenderia a associar imediatamente este vocábulo à doença psicológica (assunto talvez mais presente em seu dia a dia, na mídia etc.) exigindo que o mediador esmiúce o conteúdo para tentar explicar a polissemia do termo em questão, além de explicar que aquele buraco que ele vê em ruas não corresponde diretamente àquele termo novo que está sendo apresentado, porque implica numa extensão maior, para que a partir da experiência imediata ele possa abstrair e imaginar o conceito geográfico.

O surdo é extremamente visual, portanto, seria impossível explicar a ele algo sem utilizar recursos ópticos. Imagens, slides, cartazes, entre outros, contribuem significativamente para uma melhor compreensão do assunto por esses sujeitos. Logo,

torna-se evidente que o professor necessita de uma formação adequada para lidar com esses tipos de situações, de modo que as políticas de inclusão bem-sucedidas sejam cada vez mais frequentes. Assim, torna-se imprescindível o domínio do professor sobre recursos produtivos para o ensino de surdos. Por esse motivo é tão significativa a existência de pesquisas na área, elaborando possibilidades de metodologias alternativas de ensino e recursos metodológicos que auxiliem na educação de alunos surdos, tanto quanto dos ouvintes, buscando sempre didáticas que possam contribuir no aprendizado de ambos com a mesma eficácia.

A aplicação de recursos pedagógicos simples e eficientes auxiliam fortemente nesse aprendizado igualitário, como por exemplo a utilização de charges. A charge é um recurso didático bastante utilizado em salas de aula, já que possui um baixo custo e um grande grau de criticidade, enfocando temas relevantes da sociedade. Sua leitura exige a capacidade interpretativa crítica, atenta e informada, envolvendo o reconhecimento de recursos verbais e visuais nesse processo. Por se tratar de um gênero textual bastante visual, a nossa hipótese é de que ela representa para o aluno surdo uma ferramenta poderosa na compreensão crítica, na leitura de figuras de linguagem, como a ironia e o sarcasmo, já que sua estrutura composicional se dá baseada na imagem. Logo, é possível acreditar que esse recurso seja um grande aliado para a educação dos surdos, pois mesmo que o indivíduo não domine fluentemente o português escrito, conseguirá propor interpretações através de características da imagem, como cores, expressões faciais, caracterização, vestimentas, ambiente, entre outros.

Com essa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo evidenciar a charge como uma ferramenta de inclusão na educação de surdos, ressaltando que materiais visuais tendem a atrair melhor esse público, mostrando-a como recurso didático produtivo tanto para surdos quanto para ouvintes, possibilitando uma aula inclusiva e interativa.

Para tanto, abordaremos primeiramente o surdo como um sujeito visual (STROBEL, 2009;); em seguida, serão discutidos os conceitos de letramento visual e da multimodalidade (ARAÚJO, 2014; LEBEDEFF, 2017); para, finalmente, concluirmos abordando a charge (CAVALCANTI, 2008; LANDMANN, 2012; ROMUALDO, 2020), de modo a defender a hipótese de que este recurso pode ser utilizado como uma importante ferramenta para a educação e a acessibilidade dos surdos.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o presente trabalho se ampara na pesquisa bibliográfica e no método qualitativo-interpretativista para propor reflexões quanto à utilização da charge como ferramenta produtiva na inclusão de sujeitos surdos.

A partir do estudo do referencial teórico abordado, propomos uma breve análise de charge e buscamos evidenciar os principais pontos que convergem para o nosso objetivo: o de argumentar em favor dessa ferramenta pedagógica como aliada da educação inclusiva. Entendemos o método qualitativo interpretativista como aquele em que os conceitos e as teorias são chamados pelos dados e neles são exemplificados. Segundo essa concepção:

A pesquisa qualitativa descreve as principais ocorrências em termos descritivos que sejam funcionalmente relevantes e relaciona essas ocorrências com o contexto social mais amplo, a fim de que sirvam como exemplos concretos dos princípios abstratos da organização social (DIVAN; OLIVEIRA, 2008, p. 189).

Em especial na área de Linguística Aplicada, em que nosso trabalho se localiza, o método interpretativista se opõe à tradição positivista, universalizante. Diversos autores como Moita Lopes (2009) e Kleiman, (2013) apontam que é na ocorrência concreta, contingente e real que é possível produzir conhecimento responsivo à vida e às demandas sociais.

ARTEFATO DA CULTURA SURDA: A EXPERIÊNCIA VISUAL

O sujeito com surdez é considerado um sujeito visual. Essa questão vai além da sua língua, que é visual-espacial, ou da condição física de não ouvir, propriamente dita. Os surdos nomeiam as pessoas visualmente, usam-se de metáforas, aspectos imagéticos e estratégias visuais para a marcação de tempo e pessoa, por exemplo, para explicar ou manter uma conversação. Isto constitui sua identidade e por esse motivo a visão é o primeiro artefato destacado na cultura surda.

Falamos em artefato cultural porque queremos nos referir ao fato de que o surdo produz sentido e enxerga o mundo de maneira muito particular, diferente dos ouvintes, com ênfase para o visual-espacial. Os ouvintes usam da fala e audição para se comunicar e, assim, utilizam-se principalmente do verbal para produção de sentido, ao contrário dos surdos, que utilizam da visão como a principal forma de informação e

comunicação, pois ao se expressarem utilizam de diversos aspectos imagéticos, como a expressão facial, corporal, espacial. Inclusive, por esse motivo é que algo simples como a boa luminosidade no ambiente é fundamental para o surdo, em sua compreensão e interação.

Corroborando com o que dissemos, Strobel (2009) afirma que:

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? Para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade? (2009 p.40)

Sendo assim, podemos refletir sobre como ocorre e quando acontece esses questionamentos internos para os surdos, já que muitos só conhecem a língua tardiamente podendo até, em alguns casos, nem se reconhecer como surdo, culturalmente, mas como alguém que possui uma patologia que o define em relação aos ouvintes que lhe cercam, como uma pessoa-menos-a-audição, incompleto, defeituoso.

Percebemos assim o papel fundamental da língua como um traço que nos permite ser humanos e ter experiências de vida. Claro que um surdo não alfabetizado irá necessariamente desenvolver estratégias para se comunicar, pois esse é um imperativo humano. No entanto, a exclusão destes de um sistema linguístico legítimo e natural para sua expressão, como são as línguas de sinais, certamente limita sua vivência e seu desenvolvimento humano e social - o que comumente ocorre com muitos surdos. Mas essa situação não se relaciona com sua capacidade intelectual ou cognitiva, mas com uma questão de ordem estrutural, de responsabilidade social e pública.

Sobretudo o processo escolar é essencial para o reconhecimento da sua identidade surda e sua plena vivência em sociedade. É neste ambiente que ele terá contato com outros colegas surdos e intérpretes, construindo assim seus conhecimentos e experiências. Sendo bem sucedido em mostrar sua cultura e lhe apresentar a um grupo com o qual ele possa se relacionar e se expressar por meio da língua de sinais, o processo escolar é o passo fundamental da conquista de consciência para a cidadania.

Um desses conhecimentos é o letramento visual. Este letramento, claro, não é exclusivo dos surdos: usamos dele quando vemos os cartazes espalhados na escola; ao ver um colega conversando com a professora e dizendo que está tudo bem com uma expressão negativa, por exemplo; conseguimos ver a imagem de uma criança que não

está bem, mas prefere não falar sobre o assunto - tudo isso (e mais) é o letramento visual, o qual desenvolvemos na próxima seção

LETRAMENTO VISUAL E MULTIMODALIDADE

Segundo Lebedeff (2017), o letramento visual pode ser compreendido como uma área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto, ou seja, uma pessoa com uma percepção visual crítica consegue ler a imagem para além do que ela literalmente mostra. Os surdos possuem uma percepção visual altamente aguçada, notam sinais corporais que ouvintes comuns nem sequer imaginam que estão fazendo, formando assim uma imagem com sentido atrelado ao que está querendo ser dito.

O letramento visual desenvolveu-se da necessidade de darmos sentido às imagens e não somente ao texto verbal ou usá-la apenas como complemento de texto verbal. Uma imagem é capaz de promover comunicação sem qualquer palavra escrita. Segundo Eric (apud ARAÚJO, BARBOSA, 2014, p. 22), o letramento visual é “um grupo de competências que permite que os seres humanos possam discriminar e interpretar ações, objetos e/ou símbolos visuais, naturais ou construídos, que eles encontram no meio ambiente”.

Na sala de aula é necessário que o professor utilize recursos tecnológicos ou visuais que auxiliem na compreensão do aluno. Quando se é feita a construção de um texto apenas com o intuito de leitura o aluno não ouvinte pode sair com algum déficit devido à falta de prática ou conhecimento, porém, quando ocorre a união entre um intermediário dos signos linguísticos com o visual este passa a compreender melhor, e talvez até mais do que um ouvinte que tenha efetuado somente a leitura, pois no recurso visual existem as expressões que complementam todo o sentido para eles.

Todavia, não são todos os profissionais que reconhecem filmes ou vídeos como gêneros escolares apropriados, por exemplo. No entanto, estes são reconhecidos como os recursos que mais prendem a atenção do alunado e facilitam a compreensão do mesmo, diferente de quando se é trabalhado apenas com textos. Neste momento trabalha-se a multimodalidade, em que a interpretação do texto se dá além do gênero textual propriamente dito, envolvendo todos os seus signos com recursos visuais que não se separam do texto, levando assim uma maior compreensão para o surdo.

A multimodalidade, segundo Van Leeuwen (apud ARAUJO, BARBOSA 2014, p. 19), refere-se ao “uso integrado de diferentes recursos comunicativos, tais como a linguagem, imagens, sons e música em textos multimodais e eventos comunicativos”. Com o avanço das tecnologias, as informações foram se expandindo de maneira ágil e de forma mais simples possível e acessível possível, de modo a otimizar ao máximo o seu alcance. Por isso, o uso da multimodalidade se tornou tão eficiente. Podemos dizer que antes a imagem era principalmente utilizada para apoio de um texto escrito, hoje ela passou a ser um recurso comunicativo completo muito comum em diversos veículos e esferas, tornando possível a comunicação, muitas vezes, somente com recursos não verbais.

Bernhardt (apud CAVALVANTI, 2008, p.94) diz em seu artigo que os textos são organizados em forma visual.

Nós devemos pensar em textos organizados num contínuo, de texto que possuem relativamente pouca informação visual a texto que revelam informação substancial através de sinais visíveis como espaços em branco, ilustrações, variação de tipografias, uso de símbolos não alfabéticos, como número, asterisco e pontuação.

Concordamos com Bernhardt, pois um texto que tem aspecto visual atrativo tende a facilitar o entendimento: às vezes, as pessoas por não terem um nível linguístico elevado recorrem a elementos visuais, como as imagens, números, negrito, entre outros. Desse modo, um gênero textual muito produtivo no desenvolvimento de diversos letramentos, presente nesse contínuo, é a charge, pelo fato de ser extremamente visual. Apontamos que essa sua natureza a torna um aparato valioso para o surdo, mesmo quando a compreensão plena de seu conteúdo não seja tão clara, pois o recurso visual se torna uma ferramenta de compreensão de texto, por estar contidas nela aspectos familiares à cultura surda, como as expressões faciais e corporais, além de todos os demais signos.

RECURSO DIDÁTICO: O GÊNERO CHARGE

Segundo Cleane Lima (2019), o termo charge vem do francês *charger* que significa carga, exagero ou mesmo ataque violento (carga de cavalaria). No dicionário Oxford, têm-se como conceito de charge um desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que

comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas. A figura 1 demonstra este recurso.

Figura 1 - Exemplo de charge.



Fonte: Clóvis Cabalau, Jornal O Estado, 14 de abril de 2019

Nessa charge, é possível depreender a ironia do capital que monetiza a imaginação das crianças, criando lendas como a do coelho da páscoa associadas a práticas de consumo: nesse caso o de ovos de páscoa de chocolates. Podemos brevemente apontar como o humor da charge é facilmente depreendido pelo contraste entre a expressão alegre e inocente da criança ao segurar o ovo da Páscoa e a expressão mal humorada do adulto, associado ao gesto dos bolsos revirados e vazios, significando o gasto do dinheiro. As cifras de dinheiro ligadas ao ovo da Páscoa também são um elemento visual significativo na construção do sentido proposto. Assinalamos por fim que toda essa interpretação pode ser feita, dispensando os elementos verbais e podem servir de suporte para a aquisição da língua portuguesa, para o sujeito surdo.

Pudemos afirmar ainda que a charge, em sua maioria, apresentam formas diversas de crítica, sejam críticas sociais, familiares ou ao sistema econômico em que se vive, tanto nas esferas governamentais Estaduais, Federais e Municipais, quanto em outros âmbitos, do singular ao universal. Utilizando de argumentos lógicos, em sua maioria salpicados de um humor mordaz, irônico ou sarcástico, a charge é um gênero próprio da esfera midiática, utilizada em jornais, revistas, emissoras ou outros veículos de comunicação visual.

O fato de construir mensagens de forma irônica produz uma interpretação sutil que pode variar em diversos níveis, a depender do grau de conhecimento do seu leitor, o que possibilita a cada um formas plurais de compreensão.

Segundo Landmann (2012), é nesse ponto de vista que é possível compreender a leitura da charge como uma prática social, com um mecanismo de compreensão ativa, em que os sentidos são estabelecidos na interação entre texto-autor-interlocutor.

O ponto principal da charge é levar ao leitor uma informação do cotidiano, de forma que esta possa ser mais compreendida de um ponto de vista crítico. Deste modo, a sua utilização em sala de aula pode auxiliar os professores a levar informação do conteúdo estudado em linguagem verbal e não-verbal, somando recursos inclusivos para o aluno surdo, sobretudo o não fluente em português.

Portanto, além de proporcionar uma compreensão dinâmica do conteúdo abordado, o aluno também irá aperfeiçoar a formação do seu senso crítico e seu letramento visual, configurando-se como uma ferramenta bastante produtiva na formação de alunos com surdez.

CONCLUSÃO: A CHARGE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO DO SURDOS

No decorrer deste artigo a percepção de diversos fatores levam a confirmar que a utilização da charge como ferramenta pedagógica para o aprendizado de surdos possui relevância para a área da educação.

Ao confirmar que o sujeito surdo é um ser visual, afirma-se a necessidade da utilização de ferramentas ópticas, baseadas no letramento visual e na multimodalidade, como instrumentos de ensino, buscando com que os alunos surdos compreendam o conteúdo que está sendo explanado da mesma forma que alunos ouvintes, atingindo assim uma maior eficiência no método de ensino inclusivo.

A utilização de charges como complemento da técnica de ensino nas salas de aulas transporta ao aluno uma compreensão eficaz daquilo que está querendo ser explanado na sala de aula, fazendo com que este aluno interprete a charge e a relacione com o que o foi discutido com a turma, de modo que o surdo consiga absorver de forma satisfatória qualquer assunto, sem se perder com termos polissêmicos e possa desenvolver gradualmente sua habilidade com o português escrito, sem que isso prejudique sua compreensão de outras questões, a partir da competência de interpretação.

Logo, este trabalho pode mostrar que a escola é um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento dos multiletramentos e da concretização da

inclusão do surdo em sua cultura e na sociedade. Conhecida como um espaço de utilização do discurso midiático, a leitura de charges é uma oportunidade bastante positiva de influenciar o aluno a aprimorar seu senso crítico formador de opinião.

Por fim, reafirma-se a atuação do professor como mediador e facilitador do aprendizado, tanto para alunos ouvintes, como especialmente para alunos surdos. Espera-se que estes busquem alternativas simples para atingir este objetivo, como por exemplo, a utilização de charges, ajudando a tornar o aluno um ser mais participativo e observador.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Antônia Dilamar, BARBOSA, Vânia Soares. Multimodalidade E Letramento Visual: Um Estudo Piloto De Atividades De Leitura Disponíveis Em Sítio Eletrônico. **Revista da Anpoll**, nº 37, p. 17-36, Florianópolis, Jul./Dez. 2014.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, Tipificação e Interação**. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2006.

CAVALCANTI, Maria Clara Castanho. **Multimodalidade e argumentação na charge**. 2008. 112 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

DIVAN, L. M. F.; OLIVEIRA, R. P. de. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 185-202, 2 sem. 2008.

KLEIMAN, A. B.. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. IN: MOITA LOPES, L. P. (org). **Linguística aplicada na modernidade recente: festchrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

LANDMANN, Maristela. A charge em sala de aula: leitura em novas perspectivas para o ensino. **Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v. 3, n. 1, p.1-10, abr. 2012.

LIMA, Cleane. **CHARGE**. Educa Mais Brasil, publicado em 13/03/2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/charge>. Acesso em 26/07/2021

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Wak, 2017.



MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. IN: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.